

O Pensamento Complexo em Nina Rodrigues: Uma Discussão de Teoria e Metodologia

Vanda Fortuna Serafim (PPGH/UFSC)

Resumo: Nossa proposta aqui consiste em apresentar a proposta teórico-metodológica utilizada em minha dissertação de mestrado para a investigação do discurso de Raimundo Nina Rodrigues acerca das religiões africanas na Bahia do século XIX. Na dissertação fizemos a exposição dos aportes teóricos e metodológicos que nos ajudam a refletir a problemática da pesquisa, principalmente a idéia de “pensamento complexo” em Edgar Morin (2005), o que nos levou à explicação de alguns conceitos-chave como imprinting e normalização para o desenvolvimento de nosso raciocínio. Utilizamos a discussão de Bruno Latour (1994) acerca do pesquisador como um “ser híbrido”, ou seja, que transita entre as mais diversas áreas do conhecimento. Isto para mostrar a necessidade de um estudo que não se atenha a um único viés disciplinar como pressuposto para lidar com o nosso objeto, já apontado por Morin em sua noção de transdisciplinaridade. Mostramos a necessidade em se considerar a existência de diferentes sujeitos no discurso de Nina Rodrigues, enfatizando o caráter sociológico/antropológico de sua obra, a fim de compreender que seu olhar sob as religiões africanas não deve ser pensado como mero reflexo das teorias sociais darwinistas e evolucionistas sociais, mas inseridos num contexto amplo de conflitos sócio-culturais. Embora o discurso de Nina Rodrigues seja produzido como uma obra médica, acaba atingindo diferentes campos de interesse, como o direito, a psiquiatria, a psicologia, a sociologia e a história. No entanto, o olhar de Nina Rodrigues acerca das religiões africanas tem sido posto à margem de seu discurso, como um aspecto voltado à comprovação da histeria na “raça” negra. Sendo assim, nossa pesquisa buscou “complexizar” a figura médica de Nina Rodrigues e seu discurso sobre as religiões africanas, atentando aos diferentes elementos constitutivos de sua obra, os quais nos permitiram compreender que para além de uma olhar médico sobre as religiões africanas, o discurso de Nina Rodrigues conta com o pesquisador positivista, o psiquiatra, o psicólogo, o sociólogo, o antropólogo e o Nina Rodrigues, como indivíduo que se relaciona com as pessoas de seu tempo. Entendemos que a nossa proposta de pesquisar o discurso de Nina Rodrigues acerca das religiões africanas na Bahia do século XIX faz-se necessária por se tratar de um discurso pioneiro que inaugurou as reflexões acerca das religiões africanas no Brasil e se tornou leitura obrigatória aos que trabalharam posteriormente com a temática. A importância do discurso de Nina Rodrigues não está apenas em ser um estudo pioneiro, mas em ser um estudo científico, legitimado institucionalmente pelo campo médico brasileiro. Trata-se de um discurso que compõe o pensamento científico brasileiro acerca das questões não apenas raciais, mas também do âmbito religioso.

Palavras-chave: Nina Rodrigues, pensamento complexo, religiões africanas.

Raimundo Nina Rodrigues nasceu em 4 de dezembro de 1862 em Vila da Manga, atualmente sede do Município de Vargem Grande no Maranhão e faleceu em 17 de julho de 1906, em Paris. Filho do coronel Francisco Solano Rodrigues, um plantador e criador de gado na região, cuja propriedade, um engenho, parece ter sido passada em grande parte para os descendentes de escravos da família, e de Luiza Rosa Nina Rodrigues, descendente de uma família sefardim que veio ao Brasil fugindo da perseguição de judeus na Península Ibérica; o exercício da medicina parece ter sido prática comum a muitos de seus familiares. (CORRÊA, 2001).

Em 1882 Nina Rodrigues iniciou o curso de medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, sendo que fez o quarto e o sexto ano na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em final de 1887 defendeu sua tese de doutorado, sobre três casos de paralisia progressiva cujo título era “Das Amiotrofias de Origem Periférica”. Em 1888, Nina Rodrigues, clinicou em São Luis do Maranhão e escreveu uma série de artigos sobre higiene pública com atenção especial para o regime alimentar inadequado da população maranhense. Nesta ocasião, começou a colaborar com a Gazeta Médica da Bahia, mediante um conjunto de trabalhos acerca da lepra no Maranhão. Nesse extenso trabalho introduziu um quadro classificatório das raças no Brasil. Em 1889, prestou concurso para a Faculdade de Medicina da Bahia, tornando-se adjunto da 2ª Cadeira de Clínica Médica, cujo titular era o Conselheiro José Luiz de Almeida Couto, que viria a tornar-se sogro de Nina Rodrigues. (CORRÊA, 2001).

Nina Rodrigues foi professor na Faculdade de Medicina da Bahia, em um período no qual, os médicos eram considerados instrumentos da nação, cuidavam da saúde dos corpos, ao lado dos padres que cuidavam da saúde da alma, isto é claro, dentro de uma visão nacionalizada da profissão médica. Ainda no século XIX, elevava-se a figura do médico, o qual deixava de depender da remuneração individual e passava a viver seu trabalho como cientista, pesquisador, que financiado pela nação e formado pelas universidades, intervém na realidade e a transforma. É perceptível o caráter, ou ao menos, a justificativa nacionalista da importância que o próprio Nina Rodrigues dá às suas obras. (SCHWARCS, 1979).

Nina Rodrigues é considerado iniciador dos estudos sobre os negros no Brasil e foi após tornar-se professor da Faculdade de Medicina da Bahia que passou a se dedicar intensivamente aos estudos dos costumes de antigos escravos africanos e seus descendentes. Interessado especialmente por suas práticas religiosas, desenvolveu duas obras específicas sobre a temática: “O animismo fetichista dos negros bahianos” (1900) e “Os africanos no Brasil” (1932). O caráter de seus trabalhos acadêmicos transcende sua figura e posição médica, rendendo-lhe adjetivos diversificados e impondo sua obra como pressuposto básico a quem ambicione estudar as religiões africanas no Brasil.

Entendemos que a nossa proposta de pesquisar o discurso de Nina Rodrigues acerca das religiões africanas na Bahia do século XIX faz-se necessária por se tratar de um discurso pioneiro que inaugurou as reflexões acerca das religiões africanas no Brasil e se tornou leitura obrigatória aos que trabalharam posteriormente com a temática. A importância do discurso de Nina Rodrigues não está apenas em ser um estudo pioneiro, mas em ser um estudo científico, legitimado institucionalmente pelo campo médico brasileiro. Trata-se de um discurso que compõe o pensamento científico brasileiro acerca das questões não apenas raciais, mas também do âmbito religioso.

Embora o discurso de Nina Rodrigues seja produzido como uma obra médica, acaba atingindo diferentes campos de interesse, como o direito, a psiquiatria, a psicologia, a sociologia e a história. No entanto, o olhar de Nina Rodrigues acerca das religiões africanas tem sido posto à margem de seu discurso, como um aspecto voltado à comprovação da histeria na “raça” negra. Sendo assim, nossa pesquisa busca “complexizar” a figura médica de Nina Rodrigues e seu discurso sobre as religiões africanas, atentando aos diferentes elementos

constitutivos de sua obra, os quais nos permitem compreender que para além de uma olhar médico sobre as religiões africanas, o discurso de Nina Rodrigues conta com o pesquisador positivista, o psiquiatra, o psicólogo, o sociólogo, o antropólogo e o Nina Rodrigues, como indivíduo que se relaciona com as pessoas de seu tempo.

Uma breve intervenção explicativa: pontuando questões

A fim de dar sustentação à idéia de que o olhar de Nina Rodrigues sobre as religiões africanas precisa ser entendido como um olhar híbrido e, também, justificar a nossa opção pela teoria do “pensamento complexo” de Edgar Morin como referencial teórico e metodológico, utilizaremos a crítica de Bruno Latour (1994) a algumas tendências acadêmicas que classificam o conhecimento em três recortes: ou a natureza, ou a política ou o discurso, como se fosse impossível a coexistência destes três aspectos numa mesma pesquisa científica. Nosso intuito aqui é mostrar a necessidade de fugir ao conhecimento compartimentado, reducionista.

Latour (1994) desenvolve sua crítica em forma de um diálogo com indagações reducionistas que seriam feitas por aqueles que não conseguem pensar o conhecimento de forma multidisciplinar, como se as pesquisas realizadas em uma área não pudessem servir a outras.

Latour cita pesquisas de Callon acerca dos eletrodos das pilhas de combustível; de Hughes sobre o filamento da lâmpada incandescente de Edison; e a si próprio, e suas pesquisas sobre a bactéria antraz atenuada por Pauster e os peptídeos do cérebro de Guillemim, para mostrar que embora os críticos pensem que estão falando sobre técnicas e ciências, estas pesquisas não dizem respeito à natureza ou ao conhecimento, às coisas-em-si, mas antes ao seu envolvimento com nossos coletivos e com os sujeitos. Os pesquisadores citados por Latour não estão falando do conhecimento instrumental, mas sim da própria matéria de nossas sociedades.

“Mas então é política? Vocês reduzem a verdade científica a interesses e a eficácia técnica à manobras políticas?” (LATOUR, 1994, p.10). A determinação política é o segundo mal entendido apontado por Latour, uma vez que se os fatos não ocuparem o lugar ao mesmo tempo marginal e sagrado que nossas adorações reservam para eles, imediatamente são reduzidos a meras contingências locais e miseráveis negociadas. Contudo, nem sempre estamos falando de contexto social e interesses de poder, mas sim de envolvimento nos coletivos e nos objetos.

“Mas se vocês não estão falando nem das coisas-em-si nem dos humanos-entre-eles, quer dizer que vocês falam apenas do discurso, da representação, da linguagem, dos textos” (LATOUR, 1994, p.10). Este é o terceiro mal entendido apontado por Latour. O autor explica que, quando descreve a domesticação dos micróbios por Pauster, mobiliza a sociedade do século XIX, e não apenas a semiótica dos textos de um grande homem.

Nos três parágrafos acima evidenciamos o incômodo de Latour (1994) com as classificações automáticas nas ciências. O autor inicia falando do estudo de pilhas e bactérias, objetos tidos como respectivamente da física e da biologia, buscando definir sua importância material em nossa sociedade dos objetos tidos como próprios das ciências naturais. Em seguida ironiza aos pesquisadores reducionistas que associariam tal importância à política. Latour explica que é preciso escapar as classificações simplistas que associam instantaneamente contexto social e interesses de poder. O autor leva a ironia adiante argumentando que ao ouvir esta explicação, os reducionistas classificariam, ou melhor, a desclassificariam como análise de discurso e representação, como se não contribuíssem a pesquisa científica e ao conhecimento histórico.

Nos utilizamos dessa crítica de Latour sobre os recortes e especializações mutiladoras do conhecimento humano para sublinhar que quando descrevemos o olhar de Nina Rodrigues sobre as religiões africanas, buscamos – parafraseando Latour – mobilizar a sociedade brasileira do século XIX, não apenas a semiótica dos textos de Nina Rodrigues, ou seja, não analisamos o texto pelo texto, mas como produto/produtor de um contexto histórico, que ao mesmo tempo carrega em si referências deste contexto e ajuda a produzir um modo novo de pensá-lo, de compreendê-lo.

Sendo assim, para atingirmos o mínimo da complexidade da elaboração de idéias em Nina Rodrigues sobre as religiões africanas, é preciso encarar que os vieses adotados por ele são inúmeros, ou seja, há “lugares sociais” a partir dos quais seu discurso é produzido. Nina Rodrigues não se atem apenas ao pensamento médico legal para pensar essas manifestações, utiliza também, a psiquiatria, a psicologia, a biologia, a sociologia, a antropologia, a etnologia, a filologia, a história, a geografia, entre tantos outros que seria impossível apreender a grandeza de suas obras por um único viés disciplinar. É preciso aceitar a existência desses “seres híbridos”, demonstrados por Latour, capazes de transitar em diferentes áreas do conhecimento para pensar um único objeto de estudo.

Fazemos pesquisa em História, buscamos analisar historicamente como as religiões de origem africana foram pensadas cientificamente no Brasil num primeiro momento, no entanto, sem os diálogos com as outras áreas do conhecimento, todo o caminho percorrido até agora, seria inviável. É em virtude disso, que nossa opção teórico-metodológica para o estudo do pensamento científico acerca das religiões africanas na transição do século XIX para o século XX, na Bahia, denotado na figura de Nina Rodrigues, está no “pensamento complexo” elaborado por Edgar Morin.

Os aportes teórico-metodológicos

Dentre os possíveis referenciais teóricos – metodológicos possíveis, o que atende de forma mais abrangente nossa problemática é o referencial apresentado pelo pensador francês Edgar Morin, cujas categorias explicativas nos permitem apreender os diferentes lugares do discurso de Nina Rodrigues. Morin é pesquisador emérito do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França e nasceu em Paris em 1926, possui graduação em História, Geografia, Direito, Filosofia, Sociologia e Epistemologia. É a partir de sua atuação em diferentes campos do saber que Morin (2005, b) propõe um conhecimento transdisciplinar partindo da crítica à fragmentação do saber que tenderia a ater o especialista voltado a uma única peça do quebra-cabeça impossibilitando a consciência de uma visão global.

Morin (2005, b) entende o conhecimento como um “todo”, no entanto, a ciência, na tentativa de se legitimar, isolou, separou, desuniu e reduziu o conhecimento a “partes”, unidades e estruturas do conhecimento dissociadas umas das outras. Ao subdividir incansavelmente o conhecimento, subdividiu-se a idéia de homem. E ao ater-se a apenas um dos fragmentos, perdeu-se a idéia do humano em sua totalidade, assim, o homem se esfarela e quanto mais miserável é a idéia de homem, mais eliminável ela é: como o homem, o mundo é desmembrado entre as ciências, esfarelado entre as disciplinas e pulverizado em informações.

Morin propõe a teoria do pensamento complexo para analisar a produção do conhecimento científico. Ao considerarmos Nina Rodrigues como produtor de um conhecimento científico acerca das religiões africanas na Bahia do século XIX, a teoria moriniana nos permite visualizar os diferentes sujeitos existentes no discurso de Nina Rodrigues, o qual longe de ser homogêneo, carrega em sua estrutura diferentes formas de saberes, olhares e explicações sobre aquilo que se objetiva conhecer. Deste modo, nosso esforço se dará no sentido de retomar as unidades existentes no discurso de Nina Rodrigues. Não ambicionamos reconstituir a totalidade de seu pensamento, mas demonstrar a

possibilidade de coexistências de diferentes partes, ou sujeitos em seu discurso, as quais não esgotam em si mesmas as possibilidades de análise.

Por pensamento complexo subentende-se aquele que reconhece que o sujeito humano estudado está incluído no seu objeto de estudo; concebe, inseparavelmente, a unidade e a diversidade humanas; concebe as dimensões ou aspectos, atualmente separados e compartimentados, da realidade humana, que são físicos, biológicos, psicológicos, sociais, mitológicos, econômicos, sociológicos, históricos; concebe o *homo* não apenas como *sapiens, faber e economicus*, mas também como *demens, ludens e consumans*; que junta as verdades separadas e que se excluem; alia a dimensão científica e as dimensões epistemológicas e reflexivas; e finalmente, dá sentido às palavras perdidas e esvaziadas nas ciências. (MORIN, 2005 c).

O discurso de Nina Rodrigues é resultado de uma forma de se conhecer, pensar e analisar um determinado objeto. Ao estudar as religiões africanas, Nina Rodrigues as cataloga, categoriza, conceitua, ou seja, produz um saber, um conhecimento sobre a temática. Este conhecimento não é realizado à revelia de seu conhecimento individual, de seus valores e da formação social e cultural que recebeu.

A expressão *unitas multiplex* é utilizada por Morin (2005 a) para explicar que diferentes sistemas apresentam-se como *unitas multiplex*, ou seja, como paradoxo, considerando sob o ângulo dos constituintes ele é diverso e heterogêneo. Ao pensarmos o discurso de Nina Rodrigues a partir desta unidade complexa, sentimos que não podemos abrir mão da existência de uma visão holística de seu pensamento, nem de uma visão específica de suas idéias, mas que precisamos concebê-lo como um conjunto de modo complementar e antagônico.

Descrito por Gilberto Freyre no “Prefácio” da obra “A atualidade de Nina Rodrigues” de Lins e Silva, “de relógio na mão como um beneditino atento à liturgia do tempo” (1945, p.12) e como um “intervencionista corajoso” (1945, p.16); “Nina Rodrigues parecia saber que ia ter vida curta com seu método, seu rigor, sua disciplina quase de beneditino germânico no estudo e protestante anglo-saxão no trabalho” (1945, p.13). Não buscaremos aqui transcrever a biografia de Nina Rodrigues, uma vez que esta pode ser encontrada em outras obras¹, utilizaremos apenas de passagens de sua vida, à medida que estas forem necessárias na exposição de nosso raciocínio.

A partir da categoria de “lugar social” Certeau (1982) explica que o historiador deve analisar em termos de produções localizáveis, o material que cada método instaurou inicialmente segundo suas noções de pertinência. Isto porque para ele, o discurso é parte da realidade da qual trata.

Para Certeau (1982) a História articula-se com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. E é em função deste lugar que se delinea uma *topografia de interesses*. Isso evidencia uma hierarquia social dentro do grupo, logo, as dependências das relações de força simbólica corresponderiam à estrutura das relações de força política. Certeau afirma que os métodos científicos expressam um comportamento social e as leis do grupo. Em virtude disto, o discurso histórico não pode ser analisado fora da sociedade na qual se insere, pois implicaria a transformação das situações acentuadas, o “nós” utilizado pelo pesquisador denota um contrato social.

Certeau (1982) explica que, se a organização da história é relativa a um lugar e a um tempo, isso deve-se inicialmente as suas técnicas e produção. Retomando, cada sociedade se pensa historicamente com os instrumentos que lhe são próprios. Confirmando e ao mesmo tempo superando a noção de “lugar social” de Certeau, utilizaremos as categorias de *imprinting* e brecha moriniana para pensar o dito “lugar social” de Raimundo Nina Rodrigues.

O pensamento complexo em Nina Rodrigues

A análise do discurso de Nina Rodrigues acerca das religiões africanas na Bahia do século XIX é sustentável principalmente por tratar-se de um trabalho científico produzido no meio acadêmico com base em teorias e métodos próprios de seu momento histórico de produção. Este discurso é produzido por um intelectual, cujas obras sobre as religiões africanas tornaram-se um marco inicial para os estudos científico posteriores sobre a mesma temática.

Norberto Bobbio (1997) alerta que os discursos sobre os intelectuais associam-se a um erro comum, a uma falsa generalização: atribui à insensatez falar dos intelectuais como se eles pertencessem a uma categoria homogênea e constituíssem uma massa distinta. Embora com diversos nomes, os intelectuais sempre existiram ao lado do poder econômico e político como poder ideológico, sobre as mentes pela produção de idéias e sua transmissão. Toda a sociedade tem seus detentores do poder ideológico. Detentores estes que expressam os anseios do meio social onde estão inseridos.

Ao relatar o nascimento da disciplina histórica, Certeau (1982) nos ajuda a pensar os apontamentos de Bobbio, ao afirmar que esta se relacionaria com a criação de grupos, os quais definiria o que deve ou não ser público. Evidenciando uma hierarquia social dentro do grupo, na qual, as dependências das relações de força simbólica corresponderiam à estrutura de relação de força política, Certeau (1982) afirma que os métodos científicos expressam um comportamento social e as leis do grupo. Em virtude disto, o discurso histórico não pode ser analisado fora da sociedade na qual se insere, pois implicaria a transformação das situações acentuadas, o “nós” utilizado pelo pesquisador denota um contrato social.

Nina Rodrigues justifica sua pesquisa pelo fato de que a população brasileira é uma população mestiça: “Na primeira alternativa, a nossa preocupação de discutir as questões de princípio, se complica efetivamente, no caso particular, de uma nota curiosa de psicologia de um povo composto”. (RODRIGUES, 1982, p.1). Para o autor, com a abolição, o negro é agora um cidadão comum que pode vir até a dominar o branco; mas o país estava dominado pela simpatia à campanha abolicionista e todos queriam se colocar enquanto protetores da “raça” negra. No entanto, o fato de um negro ser bom, não faz com que todos os outros sejam. Mas quem está apto a comprovar isto? Para Nina Rodrigues é a ciência.

Levando em consideração que pouco se conhece da “raça” negra, Nina Rodrigues, expõe a preocupação que sente em relação ao futuro do povo brasileiro, diante da miscigenação: o negro seria responsável por muito dos males presentes na nação tornando-se justificativa ao atraso do país em relação à Europa. Certeau (1982) explica que, se a organização da história é relativa a um lugar e a um tempo, isso deve-se inicialmente às suas técnicas e produções. Afinal, cada sociedade se pensa historicamente com os instrumentos que lhe são próprios.

Respondendo a preocupação delineada por Norberto Bobbio, nós percebemos que Nina Rodrigues, vincula-se a um grupo constituído e homogêneo, pelo menos no que se refere ao discurso oficial produzido por este grupo perante os demais. Certamente as instituições possuem crises, embates e divergências, mas o que sobressai de tudo isso, necessita de uma aparência homogênea. Um dos grupos do qual Nina Rodrigues faz parte, o dos médicos baianos, é responsável por grande parte da produção científica no Brasil, o que em termos da época é segregado da população predominantemente analfabeta. No entanto, isto não significa que o trabalho produzido por Nina Rodrigues e seus pares estivessem dissociados dos problemas sociais, políticos e econômicos do país.

Bourdieu (s/d) acredita que as práticas voltadas para a função e comunicação pela comunicação ou de comunicação para o conhecimento (inclusive a circulação de informação científica), estão sempre orientadas para as funções políticas e econômicas. As interações simbólicas dependeriam tanto da estrutura do grupo de interação no qual se encontram,

quanto das estruturas sociais nas quais estão inseridos os agentes de interação. Bourdieu não acredita na homogeneidade do grupo. Para ele, este seria formado pelos “que só emitem”, “que só respondem”, “os que respondem as emissões dos primeiros” e “os que emitem para os segundos”. (S/d, p.52).

Nossa proposta de análise é de que o discurso de Nina Rodrigues não pode ser compreendido apenas dentro dos padrões da ciência médica do século XIX, embora também não possa ser entendido fora dela. É preciso ter em mente que este sujeito não pode ser unicamente limitado a um microcosmo de análise como se não fizesse parte de um macrocosmo organizador (MORIN, 2005 a). Para entender o olhar lançado por Nina Rodrigues às religiões africanas, é preciso escapar às exclusivas imposições do “homem de ciência”, enquanto ser puramente científico.

Buscar entender o pensamento de Nina Rodrigues sobre as religiões africanas unicamente a partir do “*homem de ciência*”² é simplificar por demais a complexidade de sua obra e a forma de organização de suas idéias.

Em primeiro lugar, buscamos considerar Nina Rodrigues como um sujeito histórico, perguntamos que jogo ele joga, onde se situa com relação à sociedade na qual vive, de que meios ele dispõe para concebê-la e conceber-se. Pensar Nina Rodrigues não envolve apenas o contexto científico do Brasil em fins do século XIX, uma vez que este sujeito histórico, era além de médico, brasileiro, pai, marido, genro, cunhado, professor, ou seja, um ser humano com a subjetividade que lhe é característica. De outra forma, tudo que pudermos afirmar sobre seu discurso será simplificador, afinal “um homem exclusivamente racional é uma abstração; jamais o encontramos na realidade. Todo ser humano é constituído, ao mesmo tempo, por uma atividade consciente e por experiências irracionais”. (ELIADE, 2001, p.170). O médico intelectual é apenas uma das partes constitutivas do discurso de Nina Rodrigues sobre as religiões africanas, não é o todo, ou seja, o pensamento de Nina Rodrigues sofre outras influências para além de sua formação acadêmica e profissional que precisam ser consideradas.

Acreditamos que para desmontar *esta montagem* “é preciso começar pela extinção das falsas transparências. Não do claro e do distinto, mas do que é obscuro e do que é incerto, não do conhecimento assegurado, mas da crítica da certeza” (MORIN, 2005 a, p.29). Hoje a nossa necessidade é encontrar um método que detecte e não oculte ligações, articulações, solidariedades, implicações, imbricações, interdependências, complexidades. É preciso abandonar as obviedades, as coerências e certezas da obra de Nina Rodrigues e começar a questionar o duvidoso, o não dito, o contraditório, as oposições e contradições se quisermos apreender a complexidade de seu pensamento. É preciso, segundo Edgar Morin, aceitar a confusão se quisermos resistir a uma simplificação mutiladora.

Para além da perspectiva médico-científica: os diferentes sujeitos em Nina Rodrigues

Segundo Morin (2005 c), na aurora do desenvolvimento da ciência ocidental, Bacon viu que o pensamento podia ser inconscientemente influenciado pelos “ídolos da tribo” (próprios da sociedade), pelos “ídolos da caverna” (próprios da educação), pelos “ídolos do fórum” (nascidos da ilusão da linguagem), pelos “ídolos do teatro” (nascidos da tradição). Por isso Bacon indicava que a missão do conhecimento era se emancipar para se tornar ciência. No entanto, foi preciso esperar o começo do século XIX para refletir sobre as condições sociológicas da emancipação do conhecimento, e o fim do mesmo século para descobrir que a própria ciência podia, inconscientemente, obedecer a ídolos.

Pensando nisso, é preciso considerar que o termo “ídolos” é colocado no plural, ou seja, o indivíduo em sociedade é exposto a diferentes pressões; tanto internas quanto externas.

Seu próprio pensar é resultado de um processo múltiplo, em que diferentes influências interagem dialógicamente a fim de construir as bases fundamentais de seu pensamento, suas opiniões, suas crenças e verdades.

Nos utilizamos dessa alusão a Bacon e aos “ídolos da tribo” para salientar que Nina Rodrigues está longe de ser o cientista neutro e desprovido de valores que ele se imaginava, a ponto de ter afirmado que embora não tivesse acesso a alguns documentos do tempo colonial porventura existentes nos arquivos portugueses ou fluminenses os quais poderiam completar alguns pontos que não foram suficientemente explanados não acredita que possam mudar em linhas gerais o trabalho ou modificar suas conclusões. Nina Rodrigues nega ao seu trabalho a possibilidades de equívoco ou erro.

Os trabalhos sobre as influências sofridas por Nina Rodrigues, tendem a adotar uma explicação amplamente aceita, classificando como detentor de uma “ciência racista” influenciada pelo “social darwinismo” e pelo “evolucionismo social”, resultado de sua profissão médica. Automaticamente, todo o discurso de Nina Rodrigues só faria sentido a partir da medicina baiana do século XIX; a qual segundo Schwarcs (1979) buscava originalidade no estudo do cruzamento racial como nosso grande mal e ao mesmo tempo nossa diferença: para os médicos baianos a miscigenação era a doença, era a partir dela que se previa a loucura, a degeneração e a criminalidade.

Nosso ponto de discordância refere-se ao discurso elaborado por Nina Rodrigues sobre as religiões africanas. Para compreendê-lo é preciso ir além da medicina, da ciência, embora também não possamos abrir mão delas.

Para compreendermos o pensamento de Nina Rodrigues sobre as religiões africanas, é preciso iniciar a desconstrução da figura do médico. Certamente é apenas a partir do diploma de medicina que os estudos teóricos, as pesquisas e os ensaios vão surgir. No entanto, a profissão não apaga toda a bagagem cultural que indivíduo carrega e constrói durante sua vida.

Confirmando nosso raciocínio acerca de Nina Rodrigues, Morin (2005 c) explica que ainda que as condições socioculturais do conhecimento sejam de natureza diferente das condições biocerebrais estão ligadas por um nó górdio: as sociedades só existem e as culturas só se formam, conservam, transmitem e desenvolvem por meio das interações cerebrais/espirituais entre os indivíduos, e Nina Rodrigues não está acima de todo esse processo.

A cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim se manifestam “representações coletivas”, “consciência coletiva”, “imaginário coletivo”. E, dispondo de seu capital cognitivo, a cultura institui as regras/normas que organizam a sociedade e governam os comportamentos individuais. As regras/normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura. Assim, a cultura não é nem “superestrutura” nem “infra-estrutura”, termos impróprios em uma organização recursiva onde o que é produzido e gerado torna-se produtor e gerador daquilo que o produz ou gera. Cultura e sociedade estão em relação geradora mútua; nessa relação, não podemos esquecer as interações entre indivíduos, eles próprios portadores/transmissores de cultura, que regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura. (MORIN, 2005 c, p.19).

Metaforicamente, Morin (2005 c) pensa que a cultura de uma sociedade pode ser vista como uma espécie de megacomputador complexo que memoriza todos os dados cognitivos e, enquanto portadora de quase-programas, prescreve as normas práticas, éticas, políticas dessa sociedade. Em certo sentido, o grande computador está presente em cada espírito/cérebro individual onde inscreveu as suas instruções e prescreve as suas normas e determinações; em outro sentido, cada espírito/cérebro individual é como um terminal individual, e o conjunto

das interações entre esses terminais constitui o Grande Computador. Dessa forma, pensar Nina Rodrigues, é pensar o contexto do século XIX como um todo, não apenas a prática médica.

Os escritos sobre Nina Rodrigues, tornam possível complexizar sua figura: descrito como médico baiano³, embora maranhense, Nina Rodrigues teria ascendência judia⁴ por parte de mãe, casada possivelmente com um descendente de negros, que o levaria a ser chamado de “mulato”⁵. No entanto, Nina Rodrigues foi batizado na Igreja católica e batizou sua única filha, possivelmente fez primeira comunhão, crismou, e casou na Igreja Católica também. Considerando tudo isso, não seria simplificar por demais, dizermos que Nina Rodrigues estudou as religiões africanas no Brasil com o intuito de estudar a presença da histeria das mulheres negras e que os estudos de Nina Rodrigues sobre essas religiões só podem ser entendidas pela histeria?

Nosso raciocínio é que há ação de diferentes posturas na construção do discurso de Nina Rodrigues. Embora as obras “O animismo fetichista dos negros bahiano” e “Os africanos no Brasil”, sejam obras médicas, são também trabalhos sociológicos, antropológicos, históricos que visam apreender os aspectos da cultura africana incorporados e incorporadores pela cultura brasileira.

Quando Nina Rodrigues pensa as religiões africanas, mesmo que a finalidade seja médica, o faz por meio de um método comparativo das religiões, e embora utilize preceitos médicos, a categorização dos candomblés baianos se dá também a partir de preceitos católicos, pois esta é a referencia de religião em Nina Rodrigues. O autor não propõe uma escala evolucionista do pensamento humano, na qual o auge seria o ateísmo ou a descrença em deuses, mas o monoteísmo católico, caracterizado por elevadas abstrações. Assim, descobrimos a complexidade genérica do conhecimento humano, do conhecimento em Nina Rodrigues.

Não se trata apenas do conhecimento de um cérebro em um corpo e de um espírito em uma cultura: é o conhecimento que gera de maneira bio-antropo-cultural um espírito/cérebro em um hic et nunc. Além disso, não é somente o conhecimento egocêntrico de um sujeito sobre um objeto, mas o conhecimento de um sujeito portador, igualmente, de genocentrismo, etnocentrismo, sociocentrismo, isto é, vários centros-sujeitos de referência. (MORIN, 2005 c, p. 22).

Para Morin, falar em complexidade é, falar em relação simultaneamente complementar, concorrente, antagônica, recursiva e hologramática entre essas instâncias co-geradoras do conhecimento. Ao contrapormos essa proposição ao discurso de Nina Rodrigues, é evidente que o intuito do autor não era tornar sua obra uma apologia ao cristianismo ou ao catolicismo, uma vez que em certos momentos o autor chega a criticar algumas dessas posturas religiosas, cuja maior evidência está no quinto capítulo de “O animismo fetichista dos negros bahianos” (1935), “A conversão dos áfrico-bahianos ao catholicismo”.

Nesse capítulo, Nina Rodrigues problematiza a não-conversão dos africanos ao catolicismo por meio da catequese e argumenta que é ilusório afirmar que os negros baianos são católicos e que a tentativa de conversão teve êxito. Ao invés de converter o negro ao catolicismo, este foi influenciado pelo negro, adaptando-se ao animismo rudimentar, buscando uma assimilação. A conversão foi exterior às crenças e práticas fetichistas em que nada se modificaram. Porém, como as leis de evolução são as mesmas em todas as raças, essa fusão fará com que o negro chegue à capacidade mental necessária para compreender o monoteísmo católico.

Retornando ao exemplo do megacomputador em Morin, apenas essa complexidade nos permite compreender a possibilidade de autonomia relativa do espírito/cérebro individual, ou seja, em Nina Rodrigues. Este é um elemento de um megacomputador cultural, mas esse megacomputador é constituído de ligações entre os computadores relativamente autônomos

que são justamente os espíritos/cérebros individuais. Mesmo quando é comandado e controlado pelos diversos programas dos quais falamos, o indivíduo dispõe sempre de seu terminal pessoal. Apesar das influências teóricas, Nina Rodrigues não pode se isentar de sua percepção pessoal, seus valores intrínsecos, suas crenças...

Referências bibliográficas

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Edunesp, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. In: Pierre Bourdieu. ORTIZ, Renato (org.). S/I, Ática, S/d.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia do Folclore brasileiro*. v.2.3.ed. São Paulo, Martins, s/d.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 2.ed. Bragança Paulista, EDUSF, 2001.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERRETI, Sérgio. Nina Rodrigues e a religião dos orixás. In: *Gazeta Médica da Bahia*, 2006; 76 (Suplemento 2): 54-59.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.

LINS e SILVA, Augusto. *A atualidade de Nina Rodrigues*. Rio de Janeiro, Leitura, 1945.

MAIO, M. C. *A medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma trajetória científica*. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 11 (2): 226-237, abr/jun, 1995.

MORIN, Edgar. *O método I: a natureza da natureza*. 2.ed. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre, Sulina, 2005 a.

MORIN, Edgar. *O método II: a vida da vida*. Trad: Marina Lobo. 3. ed. Porto Alegre, Sulina, 2005 b.

MORIN, Edgar. *O método III: o conhecimento do conhecimento*. 4.ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. *O método IV: As idéias – habitat, vida, costume, organização*. 4.ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, Sulina, 2005 c.

MORIN, Edgar. *O método V: a humanidade da humanidade – a identidade humana*. 4.ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, Sulina, 2007.

RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 6.ed. São Paulo: Ed.Nacional; [Brasília]: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado – crítica ao populismo católico*. São Paulo, Kairós Livraria e Editora, 1979.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

¹ Vide: CASCUDO, Luis da Câmara. Antologia do Folclore brasileiro, s/d; CORRÊA, Mariza. As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil, 2001; LINS e SILVA, Augusto. A atualidade de Nina Rodrigues, 1945; MAIO, M. C. A medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma trajetória científica, 1995; Gazeta Médica da Bahia, 2006; 76 (Suplemento 2), entre outro.

² Vide Lilia Moritz Schwarcz, “O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930, 1979 e Mariza Corrêa “As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil”, 2001.

³ Vide CASCUDO, Luis da Câmara. Antologia do Folclore brasileiro.

⁴ Vide FERRETI, Sérgio. Nina Rodrigues e a religião dos orixás. In: Gazeta Médica da Bahia, 2006; 76 (Suplemento 2): 54-59.

⁵ Vide CASCUDO, Luis da Câmara. Antologia do Folclore brasileiro